

## Mercado de Trabalho

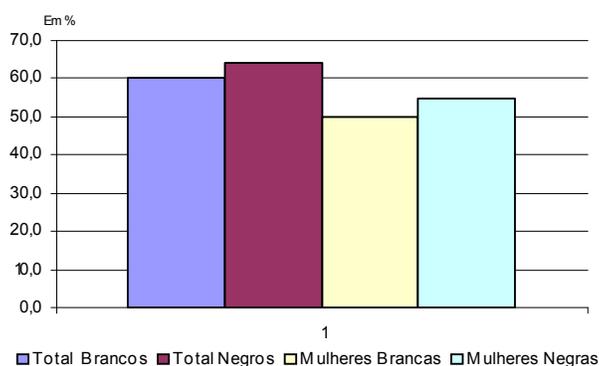
A acentuada heterogeneidade do mercado de trabalho torna-se mais explícita quando se introduz a variável raça/cor, comparando-se as condições de inserção entre negros e brancos. Em praticamente todos os indicadores selecionados, observa-se predominância dos negros nas piores situações, sobretudo as mulheres negras, que enfrentam duplo constrangimento: pelas questões de gênero, que interferem na disponibilidade de tempo para o trabalho remunerado; e de raça/cor, uma vez que historicamente ficaram, assim como os homens negros, à margem das condições que lhes permitiriam competir em igualdade de oportunidades com os brancos.

## Principais Resultados

Na População em Idade Ativa – PIA de 15 anos e mais, em 2004, os negros correspondiam a 27,9% no Estado de São Paulo e 34,7% na Região Metropolitana de São Paulo, estando proporcionalmente representados na força de trabalho, pois eram 29,5% e 36,2% das respectivas PEAs – População Economicamente Ativa. Visto apenas por esse ângulo, seria possível afirmar que não há exclusão racial explícita nesses mercados de trabalhos, porque estaria respeitada uma regra básica de cidadania, que é a da proporcionalidade de representação.

Esta situação é reforçada quando se analisa o indicador que mede a proporção de pessoas que estão inseridas no mercado de trabalho, como ocupadas ou desempregadas, em relação à respectiva população, denominado taxa de participação. As dos negros são maiores que as dos brancos, indicando que pressionam mais intensamente o mercado de trabalho, na busca de uma inserção que os brancos, ainda que encontrem mais obstáculos para entrar.

**Taxas de Participação, segundo Raça/Cor  
Estado de São Paulo  
2004**



**Fonte:** IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD.

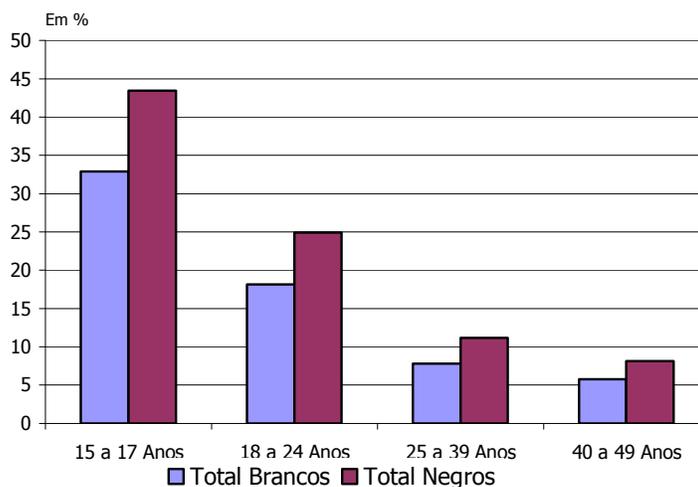
A discriminação racial manifesta-se internamente ao mercado de trabalho, em que a proporção de negros em situação de desemprego é significativamente maior que a dos brancos, com taxas de desemprego, em média, 50% mais elevadas, no Estado de São Paulo: (9,7% para o total de brancos; 14,6% para o total de negros; 7,7% para os homens brancos; 11,6% para os homens negros; 12,4% para as mulheres brancas e 18,6% para as mulheres negras). Percebe-se que, na RMS, os patamares das taxas de desemprego são

mais altos (12,5%, 16,6%, 10,4%, 13,9, 15,1% e 19,9%, respectivamente), mas as diferenças entre negros e brancos são menores, indicando maior dificuldade para os negros no Interior do Estado.

### Taxas de Desemprego, por Raça/Cor, segundo Faixa Etária

Estado de São Paulo

2004



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD.

Ao se tomar como referência a taxa de desemprego do homem branco, que teoricamente não seria discriminado, quanto ao sexo e à raça/cor, a taxa das mulheres negras era 141,8% maior, no Estado de São Paulo, e 90,9%, na RMSP.

Quanto à ocupação, a desigualdade racial e de gênero revela-se explicitamente pela repartição dos postos de trabalho, entre homens e mulheres e entre negros e brancos.

Para tanto, deve-se mencionar as elevadas proporções de mulheres ocupadas como domésticas<sup>1</sup> – 15,0% entre as brancas e 27,8% entre as negras no Estado – e de homens negros na construção (16,8%, contra 9,5% dos brancos), setores em que predominam condições precárias de trabalho e baixas remunerações.

Com relação ao tipo de vínculo empregatício, os homens encontram-se em situações mais favoráveis do que as mulheres, do ponto de vista dos direitos trabalhistas e de rendimentos – entre os brancos 60,5% dos homens e 52,1% das mulheres possuíam carteira assinada, ou eram funcionários estatutários e/ou empregadores, e entre os negros essas proporções são menores e mais distantes (58,4% e 39,8%, respectivamente).

Entre os grupos de ocupações analisados, verifica-se grande concentração de homens negros (49,1%) e mulheres negras (48,1%) naqueles que envolvem trabalhos manuais e pesados – trabalhadores da produção de bens e serviços de reparação e manutenção e trabalhadores dos serviços. Entre os trabalhadores brancos, esses grupos também são predominantes, mas em proporções bem menores (36,8% e 28,7%). Somando-se os dois grupos hierárquicos

<sup>1</sup> Ainda que está se registrando diminuição nessa proporção e aumento da faixa etária dessas domésticas, pois o maior acesso à educação das jovens induzem à procura de trabalho mais valorizado.

mais elevados (dirigentes em geral e profissionais das ciências e das artes), a diferença nas proporções é muito alta (17,8% dos brancos e 5,9% dos negros).

Do ponto de vista das barreiras socioeconômicas que dificultam o acesso dos negros aos postos de trabalho mais qualificados, é comum associar a questão da escolaridade, que é mais baixa do que a dos ocupados brancos.<sup>2</sup> No Estado, a diferença entre a média de anos de estudo dos ocupados brancos (9,2 anos) e negros (7,3 anos) é de 26%.

Note-se ainda que a diferença de escolaridade entre os ocupados é menor para os mais jovens: 1,4% entre os adolescentes ocupados, e 14,0% entre os jovens de 18 a 24 anos, intensificando-se quanto maior for a faixa etária.

O argumento da baixa escolaridade dos negros determinar a inserção em postos menos valorizados é reforçado pelo fato de quase a metade deles (45,9%) possuírem apenas o ensino fundamental incompleto, enquanto entre os brancos ocupados essa proporção é de 29,9%. No outro extremo, verifica-se que, do total de trabalhadores com ensino superior completo (12,4%), no Estado, 91,8% eram brancos, em 2004.

Além de serem minoritários entre os ocupados com ensino superior, os negros recebiam 21% a menos que os brancos com essa mesma escolaridade, proporção não muito diferente do que as dos outros níveis de escolaridade (19% entre os com ensino fundamental incompleto, 17% entre os que possuíam fundamental completo e médio incompleto e 25% entre os que completaram o ensino médio mais os que ainda não concluíram o curso superior).

Os resultados aqui apresentados evidenciam a sobre-representação das pessoas negras no contingente de desempregados. No sentido contrário, entre os ocupados, predomina uma segregação sistemática, que tem impedido o acesso dos negros em postos de trabalho com poder e melhor remuneração.

---

<sup>2</sup> Ainda que a maior escolaridade das mulheres, em si, não garanta igualdade de oportunidades em relação aos homens, deve-se considerar outros fatores que afetam tal situação, tais como o tempo de experiência, pois a presença feminina no mercado de trabalho na proporção atual é muito recente.